

Sem importação indústria pára

São Paulo — Cresce a dificuldade para a indústria paulista importar insumos, matérias-primas e componentes, pelo estrangulamento externo, ou seja, pela falta de reservas em dólares. E isso já está pondo em risco vários setores industriais, segundo empresários paulistas. Por isso mesmo, nota-se que os industriais voltam suas atenções para duas únicas soluções: dinheiro novo obtido através de uma renegociação favorável da dívida, para recompor as reservas em dólares (que não apresenta boas perspectivas com a "moratória") e um novo processo de substituição de importações, como o registrado no início desta década. Paralelamente, entidades empresariais, como sindicatos patronais e a própria Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo), procuram ampliar os contatos com a Cacex (Carteira de Comércio Exterior), para agilizar a importação do estritamente necessário, conforme ressaltou no início desta semana, o diretor do Decex (Departamento de Comércio Exterior), da Fiesp, Jamil Nicolau Aun.

Ainda ontem o assunto foi enfatizado por empresários que observam na falta de divisas uma possibilidade de sufocar a indústria brasileira dependente de importações. Uma importante fonte da Federação das Indústrias reiterou que os setores mais afetados de imediato seriam os de ferti-

lizantes, químico, borracha, cloro, medicamentos, insumos para indústria eletrônica e de aços-liga, entre outros. Ressaltou ainda que a Fiesp está, a todo custo, tentando estreitar os entendimentos com a Cacex a ponto de compor, ainda este mês, um cronograma de "prioridades" para nossas importações, sem esquecer de preparar uma espécie de balanço do que poderia ser "substituído" em curto espaço de tempo. "Isso já foi feito no passado e não custaria muito tentar novamente com sucesso", disse um empresário do setor exportador. No entanto, o sucesso de um novo programa de substituição de importações estaria dependente do comportamento do governo em relação ao controle de preços.

Aldo Lorenzetti, presidente da ABINEE (Associação Brasileira da Indústria Eletroeletrônica), inclusive, observou que o controle de preços tem prejudicado "uma solução interna" para a falta de alguns produtos. Deu como exemplo único o zinco, cujos preços tabelados, segundo ele, estariam abaixo dos custos reais de produção. Aldo reconheceu que desde novembro-dezembro passado, o seu setor vinha sofrendo com a restrição de importações, de qualquer modo, mais ligada ao subsetor de informática. "Mas agora a situação é calamitosa e se generalizou para todas as áreas de eletroeletrônicos", salientou o empresário. Ele lem-

brou que há dificuldade na obtenção de chumbo, componentes eletrônicos, matérias-primas para componentes, onde se destaca a falta de alumínio especiais, produtos químicos (destaque para óxido de magnésio). Mesmo alguns desses produtos — destacou Lorenzetti — poderiam ser substituídos, caso não houvesse um controle tão rígido de preços".

Para o presidente da ABINEE a dificuldade com as importações cresce, independentemente, da boa vontade da Cacex. Ele acha que ainda existe o risco de se dar prioridade a produtos como o petróleo, o que poderá significar a paralisação de muitas empresas em curto prazo. "Alguns fornecedores (lá de fora) já estão receosos", disse Lorenzetti, por causa da experiência vivida em 1982-83 quando, com a centralização do câmbio, alguns fornecedores não foram pagos pelo BC (Banco Central), que desviou os dólares das reservas para outras prioridades, como, a já citada, do petróleo. Por isso Aldo Lorenzetti acha que restam duas saídas: agilizar a negociação da dívida externa para obtenção de dólares novos para recompor as divisas, o que parece, aos olhos dos empresários, em geral, difícil a curto prazo, ou reiniciar um processo de substituição de importações de um lado, e uma "triagem" das importações (feita em conjunto entre a Cacex e empresários).